



O jornalista editor de livros¹

Renata Carvalho da COSTA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo, baseado em parte das discussões e considerações finais da dissertação “A conquista do sagrado – jornalistas como editores de livros” defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, tem como objetivo analisar a relação estabelecida com o objeto livro por parte de editores oriundos do jornalismo. Foram entrevistados oito editores jornalistas, com curso superior ou anos de experiência no jornalismo. Como contraposição, foram entrevistados três editores não-jornalistas, um formado em editoração, outro em psicologia, e o terceiro em economia. Foram percebidas, em comparação aos editores de outra formação, diferenças na maneira como os jornalistas enxergam o ofício. Em comum a todos estes profissionais jornalistas foi o olhar o livro como um objeto sagrado, algo mais nobre que os veículos jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVE: livro; edição; jornalista; editor.

Em artigo apresentado no XXXI Congresso Brasileira de Ciências da Comunicação, em 2008, em Natal, Rio Grande do Norte³, intitulado “Estudo comparado sobre edição jornalística e literária”, discutiu-se o papel do editor de livros e do editor no jornalismo impresso, suas semelhanças, diferenças e aproximações. Na ocasião, foram abordadas as três qualificações essenciais para um editor.

Em primeiro lugar, é preciso respeitar a qualidade, sem ignorar as necessidades comerciais, ou “as oportunidades culturais deixarão de existir, por falência” (DESSAUER, 1979). Segundo, conseguir com que o livro seja popularizado, mais bem distribuído, e facilitar o acesso da população a ele, seja econômica, estética ou geograficamente, faz parte da função social do editor...

... O terceiro ponto é “a capacidade de ter empatia com o gosto do público”, mas dado o pluralismo cultural deste, o editor não pode e não deve compartilhar todas as opiniões, perspectivas e entusiasmos, mas agir “como um advogado do público” ao escolher um original. (COSTA, 2009, pp. 77-78).

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Email: renatacosta@usp.br

³ No ano seguinte, no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2009, em Curitiba, PR, foi apresentado o artigo “Caminhos paralelos da produção de jornais e livros no Brasil” que relacionava as origens da produção do jornal e do livro no Brasil.



A partir desse panorama, dando prosseguimento à realização da dissertação cujo objeto de estudo se compôs por jornalistas que trabalham como editores de livros, foram entrevistados oito jornalistas (com graduação ou vasta experiência na área) que abriram sua própria editora ou assumiram o cargo de editor em uma empresa de terceiros. Os entrevistados, de maneira geral, atendiam ao seguinte perfil:

O editor de livros é, portanto, aquele que recebe os originais (ou às vezes vai atrás deles e de escritores), faz a análise destes e os prepara para publicação, ainda que seja contratando colaboradores para as etapas de trabalho do texto, e pode ser ou não dono de seu próprio negócio. (Ibid., p. 76).

A origem desse profissional, nesses moldes, surgiu, segundo Chartier (1999, p. 50), com a abdicação de Charles X na França, obtida às custas das pressões feitas pela burguesia na chamada Revolução de Julho de 1830. Somente após essa data, com o fortalecimento da burguesia e pleno desenvolvimento de suas atividades econômicas e sociais foi possível o estabelecimento de uma profissão de natureza intelectual e comercial que visa buscar textos, encontrar autores, e controlar o processo que vai da impressão da obra até a sua distribuição.

Tendo definido teoricamente quem é o editor, pode-se dizer que a intenção do trabalho foi buscar, de maneira geral, nas entrevistas não-diretivas com oito editores de livro jornalistas, as respostas para as seguintes perguntas e confirmar ou refutar suas correspondentes hipóteses:

Pergunta	Hipótese
Por que esse jornalista, depois de construir uma carreira sólida em veículos jornalísticos decide abrir sua própria editora ou trabalhar como editor em uma editora de terceiros?	O jornalista, por sua formação intelectual e cultural, considera o livro como um objeto mais nobre que o jornal, não só quanto ao conteúdo, mas também por sua maior durabilidade e permanência ao longo do tempo.
O que vê de comum entre sua atuação como jornalista e como editor de livros?	O jornalista enxerga muitas semelhanças nos dois ofícios, já que ambos trabalham com texto impresso.



Por que a escolha por trabalhar como editor e não outra atividade qualquer?	Livro e jornal tiveram origens comuns, tanto em formato quanto em relação a quem os fazia e imprimia. Além disso, jornalismo e editoração fazem parte do campo da Comunicação.
---	--

Para o contraponto, foram ouvidos três editores com formação direcionada ao livro seja na universidade ou na prática. As entrevistas foram trabalhadas por meio da análise de conteúdo - “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2002, p. 38) e cujas ferramentas permitiram uma leitura das declarações desses entrevistados.

Foi perguntado aos editores jornalistas o que representa, para cada um deles, o livro enquanto objeto. Assim, podem ser destacadas para reflexão, algumas dessas respostas a seguir.

O que representa o livro para você?
“Investimento de promoção humana, de desenvolvimento social”
“É uma relação de romantismo, amor pelos livros”
“Tenho uma relação de afeto com os livros... sempre fui uma leitora voraz... livro é uma coisa tão boa, tão prazerosa... uma viagem pessoal tão agradável”.
“O livro tem uma durabilidade maior... um grande companheiro... amigo”
“Sou um leitor voraz... tenho atração pelo livro e pela leitura”
“Sou apaixonado por livros”.

A partir dessas declarações, pode-se fazer uma relação com a obra *Ilusões Perdidas*, de Balzac (1993), já que no romance, o trabalho com o livro é visto como algo que eterniza seu autor e dá prestígio. Por isso, Lucien, o protagonista, trabalha como jornalista para sobreviver em Paris, o que é considerado um trabalho sujo, sem idealismos, já que os profissionais do ramo utilizam seu poder de divulgar informações em troca de interesses pessoais. Ele faz isso para sobreviver, mas seu sonho é ser escritor, pois escrever livros



é considerado por ele e pela sociedade da época como uma trabalho mais nobre. O orgulho por fazer um objeto nobre também está presente em uma declaração de um dos entrevistados da dissertação, o jornalista Sérgio de Almeida, editor e sócio da Editora Papagaio. “Teve um dia que tava tão chateado, peguei os livros, botei na mesa e fiquei olhando, e tive orgulho. Dane-se que apenas mil pessoas souberam da existência. Eu tenho o maior orgulho... Sempre fui apaixonado por livros”.

A *eternidade* do livro é outro dos motivos que alguns jornalistas alegaram para terem optado por trabalhar com ele. Conforme Marcelo Duarte, da Editora Panda: “Percebi que os livros me davam mais prazer, eles têm um tempo de vida maior. A revista, depois daquele mês, acabou”. Para Luciana Villas-Boas, é uma relação de carinho e de tal maneira sagrada que ela diz jamais ter pensado em “ganhar dinheiro” com livro.

É uma relação de afeto com o livro que ao longo da minha vida foi mudando, tomando outras formas. Eu quando era criança fui uma leitora voraz, e gostava demais de livros. E outro dia minha mãe me lembrou, eu não lembrava, eu quis recomprar toda a coleção de Monteiro Lobato, eu queria ter tudo novinho. É uma relação com o objeto livro, não só com o conteúdo. Eu quis isso muito nova. Eu acho que achava o livro uma coisa tão boa, tão prazerosa, representava uma viagem pessoal tão agradável que eu não acreditava possível trabalhar com livro, ganhar dinheiro com livro (Luciana Villas-Boas).

Em contraposição, os editores não-jornalistas demonstraram uma relação de respeito em relação ao livro e à carreira que construíram, porém com menos romantismo e menos sacralização do objeto livro. Destacaram mais uma relação de afeto e de familiaridade, porém não usaram termos como paixão⁴ ou orgulho, por exemplo, como os colegas jornalistas. Laura Bacelar, formada em editoração pela ECA-USP e sócia da Editora Malagueta declarou:

Eu sou um ser intermediário, gosto do livro como objeto, mas não tenho fetiche de ficar achando “oh” que seja 100% insubstituível. Mas se tiver uma versão pocket ou capa dura, não faço questão absoluta do objeto mais luxuoso. Adoro o cheirinho quando sai da gráfica. Livro é muito prático, apesar de o computador ser outra invenção maravilhosa. A portabilidade do livro é incomparável, não precisa de energia, pode ler em qualquer luz, é levinho, baratinho, não precisa

⁴ A.P. Quartim de Moraes, jornalista, atualmente editor *freelancer*, começou a trabalhar com livros a convite da editora Senac. Quando saiu de lá, não quis mais voltar para o jornalismo. “Eu já estava apaixonado pelo trabalho com livros, então decidi abrir minha própria editora” (COSTA, 2009, p. 94).



se preocupar, pode ler na praia ninguém vai passar a mão naquilo. Tem tantas vantagens. Gosto do objeto por achá-lo muito prático.

Para João Scortecci, economista, dono da Editora Scortecci, a relação com o livro e a literatura é natural, familiar. Ele é bisneto de Rachel de Queiroz e parente distante de José de Alencar: “Cresci no meio dos livros. Na minha casa sempre teve biblioteca e, na infância, eu passava minhas tardes lá... Lá em casa, ler continuou algo importante... Tenho um filho que gosta muito de ler e uma filha que não gosta de ler”.

O terceiro entrevistado não-jornalista, Plínio Martins Filho, presidente da Edusp, destaca que o livro é importante em sua vida, tem *quase* devoção por ele: “Se consegui algo na vida foi através do livro, tenho quase uma devoção, respeito como objeto, como tudo. ... É uma coisa que eu vivo dia e noite. Eu só faço isso, toda minha vida é livro”.

Destacar o *quase* devoção é importante como comparação à intensidade das declarações dos editores jornalistas já descritas anteriormente. Enquanto estes se declaram ao livro como a um amante, usando palavras mais fortes que demonstram sentimentos apaixonados, Plínio não se entrega à paixão como os jornalistas. Mesma atitude demonstrada pelos outros dois editores não-jornalistas. O livro é visto com respeito, porém não declaram depositar nele sonhos de liberdade ou uma busca por realização (não encontrada no jornalismo pelos editores que vieram dessa área).

Ao declarar o que representa o objeto livro, os jornalistas o colocam como um *outro* (amigo, paixão, orgulho) a ser conquistado. Para os não-jornalistas, a relação, pelas palavras destacadas, é de algo mais próximo, mais do seu próprio círculo (família, prático), mas ao qual, sem dúvida se deve respeito.

Portanto, quando relatam os motivos que os levaram a abrir sua própria editora, os jornalistas declaram ter sido esta uma forma de ter liberdade para publicar coisas de qualidade, diferentes e inovadoras. Por outro lado, alguns citaram estar insatisfeitos com o jornalismo, “com a falta de espaço para um bom trabalho nas redações tradicionais e a obrigação de submeter-se à lógica mercadológica do veículo jornalístico” (COSTA, 2009, p. 93). O livro, portanto, seria uma espécie de salvação.



Mostrando mais uma vez uma relação mais racional com o livro do que os colegas jornalistas, Laura Bacelar declara seus motivos por ter aberto uma editora voltada ao público lésbico, depois de já ter investido em um empreendimento parecido no passado: “o que percebi é que se eu não fosse organizar essa iniciativa, para que livros lésbicos fossem publicados, ninguém iria fazer. Porque no período que eu não publiquei, ninguém publicou”.

Outro motivo para ter uma editora de livros, por parte dos jornalistas, são as semelhanças entre o ofício do jornalismo e a edição de livros. Resumidamente, Roberto Feith, editor da Planeta e da Objetiva, descreve algumas etapas que, para ele são comuns aos dois (COSTA, 2009, p. 119):

- 1) Escolher o assunto de acordo com o que interessa o público
- 2) Quem pode tratar de tal assunto – quem vai escrevê-lo, quem será pautado
- 3) Exercer juízo crítico no texto.
- 4) Capacidade para trabalhar em equipe. “Jornalismo é um esforço coletivo. No mundo editorial, dependendo do projeto, o texto é de um autor, mas precisa ser aperfeiçoado”.
- 5) Divulgação e comunicação com os leitores.

Essas semelhanças foram, de maneira geral, assinaladas por todos os jornalistas entrevistados. Apesar disso, os editores jornalistas dizem fazer a distinção entre jornalismo e edição de livros. “Livro para mim não é como uma pauta. Eu olho como outra coisa, faço uma leitura muito preocupada em ser o olho do leitor” (Sérgio de Almeida).

Apesar de estabelecer essa distância, a maioria deles ainda se declara jornalista quando tem de dizer sua profissão, mesmo que tenha consciência de que na edição de livro não está mais desenvolvendo uma atividade jornalística. Algumas respostas que merecem destaque por demonstrarem uma grande aderência à profissão de jornalista, mesmo quando já não exercem essa atividade:



Quando alguém pergunta sua profissão, o que você diz?	
Marcelo Duarte, Panda Books	“Jornalista, porque não perdi esse meu lado investigativo, e isso é muito importante para o trabalho como editor” (Ele continua a trabalhar como jornalista para TV, rádio e é colunista do Jornal da Tarde)
Sérgio de Almeida, Editora Papagaio	“Eu diria que sou jornalista, mas não em tempo integral, pois o jornalismo não me contempla mais”. (Durante a entrevista, ele declarou várias vezes: “quando eu <i>era</i> jornalista”...)
Luciana Villas-Boas, Editora Record	“Hoje digo editora, mas durante muito tempo me declarei jornalista”
A.P. Quartim de Moraes, editor <i>freelancer</i>	“Há cinco anos, quando estava na editora Senac, meu impulso era dizer sou jornalista, estou editor. Meus amigos dizem que não se deixa de ser jornalista. Agora me apresento como editor”.

Ainda na questão das semelhanças e aproximação dos campos, A.P. Quartim de Moraes foi o único a declarar que edição de livros e jornalismo são atividades dentro do campo da Comunicação. Nenhum outro entrevistado abordou este ponto, ao contrário de uma das hipóteses iniciais do trabalho, de que esta ligação seria obviamente feita pela maioria deles como uma das justificativas de *migração* de área.

Visão romântica *versus* sucesso comercial

A visão romântica dos editores jornalistas às vezes é destruída pela realidade comercial. O sonho de ter uma editora para publicar apenas o que gosta, o que considera como sendo de qualidade, nem sempre se mostra viável economicamente. Parte dos editores jornalistas entrevistados e que são ou foram donos de uma editora de livro se queixaram de perdas financeiras, investimento contínuo de dinheiro e pouca rentabilidade com o



negócio. Isso porque se preocupam exclusivamente com a qualidade editorial e acreditam, inicialmente, que a qualidade da obra produzida compensará a falta de investimento em publicidade e em uma distribuição eficiente. Carregam, em mais este aspecto, características trazidas dos costumes das redações jornalísticas, onde a parte editorial é totalmente separada da comercial – para o bem da qualidade e isenção jornalística. Nas editoras de livro, no entanto, editorial e comercial precisam estar sempre em sintonia e essa aproximação ainda é difícil para alguns jornalistas. Os únicos entrevistados que não relataram problemas comerciais foram Luciana Villas-Boas, editora da Record, e Roberto Feith, da Planeta e Objetiva. Por serem editoras de porte maior que as demais, contam com departamentos comerciais estruturados que trabalham em integração com o editorial, segundo relato dos dois editores.

A questão do sucesso comercial passa também pelo fato de que os jornalistas donos de editoras, ao publicarem o que consideram de qualidade, nem sempre consideram o alcance e o interesse da obra junto ao público geral. Pelo contrário, alguns afirmam publicar apenas o que gostariam de ler. André Forastieri, ex-sócio da Conrad Editora, afirma que o problema do jornalista editor de livro é quando ele “briga com a notícia”. Com isso, André quer dizer que o editor de livro também precisa estar atento ao que pode ser um sucesso comercial. Neste caso, ele chama de “notícia” o que está acontecendo culturalmente, o que está na moda, aquilo que tem um público garantido.

Uma vantagem que os editores não-jornalistas veem nos editores jornalistas é em relação à divulgação de lançamentos junto a imprensa. Pela experiência jornalística, fica mais fácil saber como fazer a melhor divulgação de acordo com o tamanho e condições da editora.

Considerações finais

Alguns jornalistas parecem querer romper a barreira do tempo buscando por permanência. E então se voltam para um “amigo”, “amor”, um objeto “sagrado” que é o livro. Hoje pode parecer surpreendente que os jornalistas executem trabalhos como editores de livros, já que a função não consta dos manuais de redação e nem das ementas dos cursos universitários. Essa discussão das relações dos campos se faz pertinente especialmente nesta época, já que em 2009, o diploma para jornalista deixou



de ser obrigatório. Por outro lado, a profissão de Editoração nunca foi regulamentada e o Ministério da Educação e Cultura tem uma proposta em discussão para mudar o nome do curso de Editoração ou Produção Editorial e transformá-la em um curso superior tecnológico, reduzindo sua carga horária. Ainda assim, entre os entrevistados, a única editora graduada em Editoração pela ECA-USP, Laura Bacellar, declarou haver uma “invasão”⁵ do mercado editorial por jornalistas e profissionais de outras áreas.

A atração dos jornalistas pela área da edição de livros tem, além dos motivos declarados pelos entrevistados, de amor pelo livro e de sua formação intelectual, de ser também contextualizada dentro do campo de trabalho que se apresenta hoje tanto para os profissionais do livro quanto do jornalismo. Dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) mostram que de 2006 a 2007, a produção de livros cresceu 9,6% (de 320.636.824 para 351.396.288 exemplares). O número de títulos aumentou quase 10,83% entre 2005 e 2006, e sofreu ligeira queda de 2% de 2006 para 2007, o que não afetou o faturamento, que cresceu 5 % no mesmo período.

Os veículos jornalísticos, por outro lado, passam por um momento de mudanças. Os repórteres de TV têm tentado abandonar a postura impessoal e as revistas estão cada vez mais segmentadas. Os jornais têm perdido investimento dos anunciantes, e os sites têm aumentado sua participação. Na parte de conteúdo, os jornais ainda não chegaram a uma nova fórmula para garantir e justificar sua permanência em tempos onde a internet dá as notícias minuto a minuto. No início de julho, o Jornal do Brasil, um dos mais emblemáticos na história do jornalismo do país, anunciou o encerramento de sua publicação em papel, passando a ser exclusivamente online.

Outro motivo fica ainda mais óbvio quando se analisa a trajetória histórica do jornalismo e da edição de livros, do jornal e do livro. Suas origens foram comuns. Não havia distinção entre o jornalista, o escritor literário e o editor. Não raras vezes eram (e são) a mesma pessoa. No Brasil, muitos autores da literatura nacional foram jornalistas. E foi a industrialização que separou as funções.

⁵ “Por conta da invasão que está acontecendo no mercado editorial, eu não sei por que, está super inchado, super ativo, recebendo gente de várias áreas, não só do jornalismo” (Laura Bacellar).



Nos Estados Unidos, no século XX, começa a ser usada a expressão “editor” também para o jornalista com função de chefia na redação. O modelo foi copiado no Brasil na década de 1960, mas isso não aproximou as funções, ainda que tivessem o mesmo nome. Jornalista na redação, editor de livros na editora.

Quem se interessa por seguir a carreira de jornalista normalmente tem características como facilidade de escrita e leitura, curiosidade, boa base cultural em geral. Os livros ficam nas estantes, livrarias e bibliotecas e, diferentemente dos jornais, não servem para embrulhar bananas na feira. São, portanto, mais do que diversos os motivos para que editores jornalistas tenham essa fascinação pelo livro.

REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. **Illusions Perdues**. Paris: Bookking International, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro – do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 1999.

COSTA, Renata Carvalho da. **A conquista do sagrado – Jornalistas como editores de livros**. 2009. 205 pp. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/jornalistaeditor>>. Acesso em 17 jul. 2010.